

## O INTERESSE PELAS COISAS



EDUARDO VILLELA

*O interesse pelas coisas*



© Moinhos, 2016.  
© Eduardo Villela, 2016.

*Edição:*  
Camila Araujo & Nathan Matos

*Revisão:*  
LiteraturaBr Serviços Editoriais

*Diagramação e Projeto Gráfico:*  
LiteraturaBr Serviços Editoriais

*Imagem de capa:*  
Flavio Emanuel

*Capa:*  
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2016.

Nesta edição, respeitou-se o  
*Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

V735o  
Villela, Eduardo | O interesse pelas coisas  
ISBN 978-85-92579-09-8  
CDD B869.3  
Índices para catálogo sistemático  
I. Contos I. Título

Belo Horizonte:  
Editora Moinhos  
2016 | 112 p.; 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Moinhos  
editoramoinhos.com.br  
editoramoinhos@gmail.com

## *Sumário*

Um beijo na madrugada,	7
O interesse pelas coisas,	9
A profissão de papai,	21
Os primeiros dias,	27
O homem do rap,	37
Olavo Pontes,	49
Genética,	60
Um bom motivo,	64
Devaneio de poeta,	74
O futuro do planeta,	82
O aviador,	88
A pedra portuguesa,	93
A Guerra da Córsega,	97
Manutenção,	104
O fim das inversões,	107



## *Um beijo na madrugada*

É madrugada na delegacia da rua de casas e prédios baixos em Oswaldo Cruz. É madrugada na favela mais próxima, onde um garoto é baleado. A madrugada leva a notícia para o rádio do inspetor Leandro, que está na escuta. Naquela madrugada.

Leandro tem o ouvido atento às notícias ruins e o olhar parado na TV, que passa as propagandas do intervalo comercial do filme, sem som. Ele troca para um canal de jornalismo, que mostra um violino. A legenda diz que aquele instrumento fora feito à mão, em 1755. Após anos de procura, a polícia de um país europeu encontrou-o e prendeu o dono atual.

Novo close no violino, que agora brilha à luz, ressaltando a perfeição de suas formas e qualidade nobre da madeira. Leandro já não ouve a escuta, nem a TV, que continua sem som.

Uma música começa a se espalhar. É a “Ária na Corda Sol”, que lentamente invade a delegacia, como se fosse água. O som dos violinos não sai do rádio da polícia, nem da TV. Vem da manhã em que a mãe e a avó levaram Leandro ao

Municipal para ver a orquestra tocando Bach. Um sábado de sol e nuvem de infância.

Depois do concerto, elas foram com ele a uma famosa casa de doces, a Cavé, e pediram chás e um folheado delicioso para Leandro. A avó deu um beijo em sua testa quando ele terminou de comer o folheado. Elas pagaram a conta e entraram no táxi, sentadas uma de cada lado com ele no meio, no banco de trás. O táxi levou-os de volta para a casa onde moravam.

A mãe de Leandro e sua avó já não existem mais. Daqui a umas horas, o garoto baleado na favela também não mais existirá. Daqui a minutos, policiais entrarão de novo aqui, na delegacia. E com eles, talvez, alguns meliantes.

Quando chegar a manhã, Leandro irá para casa, dormir. Os crimes, seus registros com ou sem soluções continuarão existindo, funcionando, como uma máquina que não para, enquanto ele dorme.

Ele voltará a fazer parte dessa máquina. Mas só depois de acordar, almoçar, tomar banho, ver um pouco de TV, e jantar uma lasanha aquecida no forno de microondas. E, na delegacia, ficará novamente na escuta do rádio, que trará para ele assaltos, furtos, assassinatos, estupros, brigas familiares, guerras entre traficantes, guerras entre a polícia e o tráfico.

Porém, em determinado momento da madrugada, a mãe e a avó vão passar pela delegacia, dar as mãos a ele, sentar-se uma de cada lado, e levá-lo de novo ao Teatro Municipal, onde assistirão e ouvirão, atentos, à “Ária na Corda Sol”, de Johann Sebastian Bach.

Eles seguirão para a casa de doces, onde Leandro vai escolher o melhor folheado da vitrine, e então a avó dará um beijo em sua testa. Um beijo molhado de chá. Um beijo que o garoto da favela também recebeu da avó, mas não sentiu.

E Leandro de novo vai para casa, dormir.

## *O interesse pelas coisas*

### I

Quando começo a escrever me interesso mais pelas palavras que pelas coisas. Meu negócio é construir frases como um jogo de quebra-cabeças sem imagem a ser formada. Tudo tem que encaixar bem. O que vem a partir daí é consequência.

Dá pra comparar com o interesse por alguma mulher. Até hoje, todas as vezes, me preocupei primeiro com a beleza e a formosura. Depois vem o resto: personalidade, inteligência etc.

Não considero o significado das coisas menos importante, pelo contrário. O enredo e tudo que ele proporciona são sagrados demais para você manejá-los com total consciência ou racionalidade quando escreve um conto ou romance. E quando corre o risco de se apaixonar é bom não acreditar que o que está ali, de fácil acesso pros sentidos mais conhecidos, será pra onde vai se guiar o seu leme.

Procuro cuidar das palavras porque me dão uma sensação de controle, mesmo que ilusória às vezes. Quanto ao que se referem, o que tem de saboroso também tem de fluido e fugaz. As palavras tentam ser como a corda de um vaqueiro.

A história que vou contar é justamente sobre perder o controle das coisas e ser levado pelos acontecimentos. A coisa começa quando eu tinha uns 14 anos, em um mergulho na praia da Ferradurinha, Búzios. O mar ali era bem calmo, meu irmão, uma prima e alguns amigos conversavam com a água na altura da barriga. O sol estava encoberto e até batia uma brisa, mas enfiei a cara na água e fui ao encontro deles.

Quando cheguei ao grupo, todos concordavam que o mar estava gelado e o tempo esfriava. Mas eu não sentia frio. Nem a água como gelada. O que senti foi como se alguma coisa tivesse se descolado. Uma sensação de “sei lá”, difícil de definir. Era como se quase tudo que sempre fiz sem pensar, desde conversar com alguém até ter uma opinião guardada sobre um filme, agora precisasse de um guia ou manual de instruções. Deu uma pane no meu sistema operacional.

Não adiantava tentar pedir ajuda, porque não sabia o que estava acontecendo e muito menos como me comunicar sobre isso. Deitei para dormir naquela noite pensando em como nada fazia sentido. Só que para isso eu precisava fazer sentido. Então dormi.

## II

Acordei com minha mãe dizendo que já era tarde e fazia bastante sol. Cheguei à areia e o calor me fez mergulhar. Ao sair da água, fui para onde ela conversava com um casal de tios.

Deitei sobre uma canga e fechei os olhos. A conversa era sobre produtos de supermercado que vinham aumentando de preço. Depois passou para um programa de TV, um sequestro ocorrido no Rio na semana anterior, então derivou na quantidade de buracos que havia na estrada para a Região dos Lagos.

Comecei a ter uma angústia parecida com a da véspera. Pra mim não era importante o programa de TV, o sequestro ou os buracos. Mas alguma vez o havia sido? Parecia que sim. Será? O que mudou então? Se eles comessem a falar algo do meu gosto, agora, eu ainda estaria interessado? Música, filmes, por exemplo? Digamos que sim.

Levantei e fui para perto de Gabriela e Felipe, que jogavam frescobol. Sentei e fiquei assistindo. Depois de um tempo Gabriela perguntou se eu queria jogar no lugar dela, porque estava ficando cansada. Tá beleza, falei.

Peguei na raquete e comecei a rebater. Depois de uns 10 minutos, Felipe disse que ia mergulhar. Pela reação do meu irmão, ignorando o meu problema, pensei: nada mal, continuo jogando razoável, fazendo o meu papel. Um pouco animado, concluí que eu não estava agindo estranhamente, senão os outros perceberiam. O que me deu uma primeira pista: seja lá qual negócio estava se passando comigo, o próprio queria se esconder.

À noite, Gabriela, Felipe, meus tios, minha mãe e eu fomos à Rua das Pedras, que concentrava restaurantes, bares e lojas. Depois de andarmos um pouco, a porção adulta do grupo entrou em um restaurante de frutos do mar, enquanto minha prima, meu irmão e eu fomos sobrar pela noite adolescente de Búzios, tropeçando de leve nas pedras que pavimentavam o chão das ruas.

Quando chegamos ao trecho da via que encontrava a orla, demos com as pessoas da véspera no mergulho da Ferradurinha – dois amigos de Gabriela e a irmã de um deles. Todos se conheciam pelo menos de vista, porque estudávamos no mesmo colégio no Rio. Eu tinha três anos a menos que meu irmão, dois que minha prima e um a mais que Clarisse, a irmã de um dos amigos de Gabriela, que eram da mesma série que ela no colégio.

O grupo seguiu em direção a uma lanchonete. Por sermos quase da mesma idade, Clarisse e eu nos vimos na obrigação de tagarelar a dois enquanto os outros, mais velhos, seguiam um pouco mais à frente. Por aquele pequeno percurso, não mais do que uns 200 passos, uma espécie de insegurança inédita invadiu meu corpo como se fosse um fantasma. Íamos puxando um assunto atrás do outro emboladamente pra não cair a conversa, enquanto eu contava os passos mentalmente.

Fui ficando mais à vontade por ela gostar de falar, mas me assustou o fato de, pela primeira vez na vida, gelar só porque teria que bater um papo com alguém. Parecia que se a conversa caísse aconteceria uma tragédia, ou um “Armageddon”, como em um filme que passava na época no cinema.

### III

No dia seguinte, o grupo encontrou-se novamente na Rua das Pedras. De lá, partimos para um cais e sentamos na madeira sobre o mar, à noite.

Conversa vem e o povo começou a falar sobre bandas de rock. Era a deixa para um assunto que me interessava, eu poderia exhibir meus conhecimentos. Havia aprendido a